

PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

Tudo é tão desigual

• O Ministério da Fazenda divulgou ontem uma nítida radiografia da pior distorção do Estado brasileiro: a de gastar mais com os mais ricos. O documento Gasto Social do Governo Central tem dados, números e gráficos eloquentes e uma conclusão assustadora: em outros países, o Estado corrige e diminui a desigualdade quando distribui os recursos arrecadados. No Brasil, o Estado confirma a desigualdade.

Em 2002, o gasto social do governo federal foi de R\$ 204,2 bilhões. É um espanto que, com tanto dinheiro, o país tenha tantos pobres. A explicação para isso vem nos gráficos que mostram para onde vão as verbas. De todo o gasto, 1,5% vão para os programas de renda mínima e 73% vão para aposentadorias e pensões. O primeiro programa o governo gasta, basicamente, com os 20% mais pobres. Ao chegar no quarto decil, as transferências deixam de existir, como se vê no gráfico abaixo. No caso da Previdência, acontece o contrário. A maior parcela da transferência vai para os 20% mais ricos. O terceiro é o seguro-desemprego, que tem distorção menor, mas, mesmo assim, não é — como deveria — um programa focado nos mais pobres.

Se 73% dos gastos sociais são da Previdência e se a maior parte das transferências vai para os mais ricos, está aí um flagrante de concentração de renda. O documento da Fazenda mostra outra distorção quando apresenta o gasto da Previdência por faixa etária e o compara com o da Espanha. Ele mostra que lá o gasto maior é com quem tem mais de 70 anos, o que é compreensível. No Brasil, é na faixa de 45 a 60 anos, num flagrante das aposentadorias prematuras do país.

Brasil e Inglaterra têm carga tributária semelhante, o que significa que a nossa é alta demais em consequência da diferença de renda e de nível de oferta dos serviços públicos. Mas o mais importante retorno dos recursos recolhidos na Inglaterra se dá em termos de redução da desigualdade. Compare-se os dois gráficos abaixo. No primeiro, o Brasil; no segundo, a Inglaterra. Abaixo, quanto o Estado recolhe de cada decil de renda — escala que vai dos 10% mais pobres aos 10% mais ricos. Na parte de cima, o quanto ele devolve em termos de benefício também para cada decil de renda. Lá é o padrão Robin Hood: tirar mais de quem tem mais e dar mais a quem tem menos. Aqui, é o padrão xerife de Nottingham: recebe mais

quem tem mais.

E isso ocorre na comparação com vários países. Veja o último gráfico, que mostra a ação do Estado em diferentes locais. A primeira barra mostra a desigualdade do país quando se compara só a renda inicial de cada cidadão. Na segunda, como é que fica esta desigualdade quando o governo faz suas transferências e, a terceira, depois que se pagam os tributos. Na maioria dos casos, a desigualdade cai fortemente depois que o Estado recolhe e distribui. No Brasil, quase não há diferença; exemplo flagrante de que o Estado brasileiro confirma a desigualdade.

Se o Brasil tivesse o padrão de desigualdade do Uruguai, teria um terço da pobreza que tem. A desigualdade é antieconômica: "Países mais desiguais precisam de uma taxa de crescimento mais alta do que países mais igualitários para obter uma dada redução percentual na incidência da pobreza."

Muito já se falou sobre o fato de que o gasto com a universidade pública gratuita é regressivo por ser dirigido basicamente aos mais ricos da população, mas o Ministério da Fazenda inova no diagnóstico quando compara o Brasil com outros países. O flagrante da distorção fica ainda mais chocante: "O custo médio por aluno do curso superior é estimado em cerca de 170% do PIB per capita. Nos países da OCDE, o custo é estimado em 100% do PIB per capita." No Uruguai, é de 21%; no Chile, 20%; na China, 65%; e, na Índia, 93%. "Esta política produz distorções relevantes, constituindo-se no componente do gasto em educação com mais regressividade."

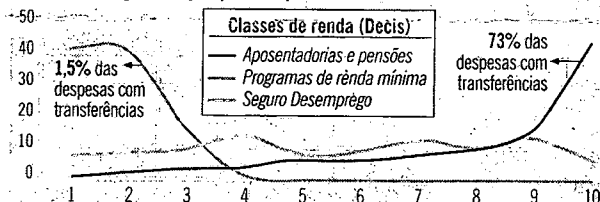
Quem já se perguntou alguma vez por que o Brasil é tão desigual, quem já achou que paga imposto demais e não vê isso se revertendo em redução da pobreza, quem já se indignou, deve entrar no site e ler o documento da Fazenda. Lá está a fotografia da insensatez. Nenhum dinheiro público é neutro. Ele reflete as escolhas que uma sociedade faz. O Brasil tem escolhido e confirmado anualmente ser assim tão desigual.

Editoria de Arte



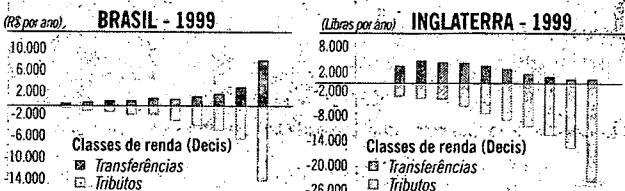
Flagrantes

Parcela do gasto apropriada por cada classe de renda (em %)



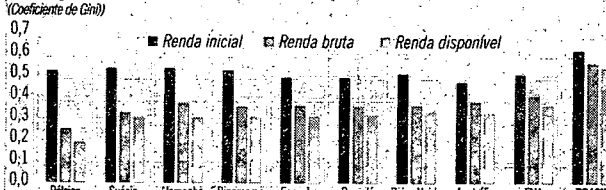
Fonte: Immervoll, Levy, Nogueira, O'Donoghue e Siqueira

Transferências e tributos médios em diferentes classes de renda



Fonte: Immervoll, Levy, Nogueira, O'Donoghue e Siqueira; Lakin

Redução na desigualdade provocada por tributos e transferências



Fonte: de Beer, Vrooman e Schut; Lakin; Immervoll, Levy, Nogueira, O'Donoghue e Siqueira